

ESPACO | SOCIALISTA

Ano V - N°18 Agosto de 2006
Contribuição: R\$ 2,00

Publicação Revolucionária Marxista de Debates

ROMPER COM A BURGUESIA PARA CONSTRUIR UM SAÍDA SOCIALISTA DOS TRABALHADORES

Leia nesta edição:

Os povos na rua e a crise global do capital	2
Para combater a fome e o desemprego.....	5
Democracia (ditadura) burguesa e ditadura (democracia) do proletariado.....	9
A farsa do Estado democrático de direito no capitalismo.....	12
Por que a esquerda não se une ao menos nas lutas e nas eleições?.....	14
O cosmonauta e a farsa espetacular da mídia.....	18

As eleições, as polêmicas e a unidade dos revolucionários

As eleições, tanto no Brasil como na América Latina, tem sido o principal instrumento que o imperialismo utiliza para conter as lutas e revoltas dos povos do continente assim como para legitimar, através do voto, todos os seus planos de exploração, como as reformas previdenciária, universitária, sindical, trabalhista, etc.. Provou-se que por vias eleitorais (reação democrática) tem-se obtido mais sucesso do que a utilização de golpes de Estado. Claro que essas eleições nem sempre são limpas. Esse foi o caso do México, onde as fraudes, amplamente comprovadas, garantiram a eleição do candidato mais alinhado ao imperialismo americano. Por essa via, as burguesias na América Latina têm conseguido frear o ímpeto revolucionário dos trabalhadores na Argentina, Equador, Peru e Bolívia, só para citar exemplos dentro do continente americano.

Não podemos e nem temos como fugir dessa realidade, pois se ela tem tanta importância para a dominação da burguesia, nós, como revolucionários, temos que encontrar formas de destruir essa forma de dominação. A superação das ilusões que os trabalhadores nutrem nas instituições da burguesia combinada com o desenvolvimento de suas lutas e seus organismos independentes, é parte fundamental do desenvolvimento de uma consciência socialista e do fortalecimento de um projeto socialista de massas. A questão que se coloca é a de *como* lidar com essa problemática

UM DEBATE NO MOVIMENTO E DO MOVIMENTO

Como a maioria das organizações de esquerda, no último período o Espaço Socialista também fez o debate sobre que posição tomar frente ao processo eleitoral. Uma organização que atue no movimento, se o refletir

minimamente, é influenciada pelos debates que os ativistas e militantes realizam. No caso eleitoral, com certeza, toda a esquerda debateu em torno de pelo menos duas possibilidades: apoiar (criticamente ou não) a frente PSTU-PSOL-PCB, ou votar nulo. O debate que realizamos também esteve marcado por essas posições

Cada organização tem o seu espaço de decisão. Na esquerda tradicional as decisões são tomadas pelo órgão dirigente em um processo que, em muitos casos, retira dos militantes de base o poder de decisão. Após essa decisão, todos os militantes estão obrigados a “falar uma só linguagem e atuar como um só homem”. Acaba a discussão. Essa é uma interpretação do chamado centralismo democrático.

Há algum tempo temos travado uma polêmica com vários setores da esquerda sobre a concepção e regime de organização revolucionária. Entendemos que o funcionamento da maioria das organizações/partidos de esquerda tem fortes traços de burocratização, oriundos de uma interpretação equivocada da “concepção leninista de partido”

O nosso funcionamento tem como diretriz de que é o conjunto da militância que deve tomar as decisões políticas da organização e o debate deve ocorrer sob a máxima liberdade de discussão para todos os militantes. Nos debates que realizamos, em qualquer período, todos os militantes podem defender as suas posições (por escrito ou não), e a decisão, como já dissemos, cabe ao conjunto dos militantes. Após os debates votam-se as posições, e a que tem o maior número de votos é a posição da organização.

AS POLÊMICAS, A MINORIA E A REALIDADE

Realizada a votação resta uma

questão: e a posição da(s) minoria(s)? Da forma como foi apresentada – após a votação – por exemplo, a posição do PSTU é de que a tese da(s) minoria(s) é suprimida, como se não existisse. A minoria deve calar-se e submeter-se, encerrando-se o debate e muitas vezes sequer o balanço é realizado. É como se não existisse mais posição diferente.

Há fatos fundamentais da luta de classes em que a minoria está com a razão. Podemos citar como exemplo o apoio do PSTU a LULA no 2º turno de 2002. Queira ou não, essa posição avalizou um projeto neoliberal capitaneado pelo PT, com conseqüências danosas que todos já sabemos. Foi uma discussão que se resolveu na prática. E a minoria – que estava certa –, teve espaço para apresentar o seu balanço? Neste debate foi a realidade que se encarregou de demonstrar com quem estava a razão.

Demos esse exemplo porque queremos abrir um debate com o conjunto da esquerda sobre o “centralismo democrático” e queremos fazer esse debate na prática.

A posição do Espaço Socialista nas eleições é voto nulo, mas também temos companheiros que defenderam a posição de voto crítico na frente de esquerda e, em que pese a votação realizada, pensamos que essa questão deve ser resolvida com a intervenção concreta na realidade. O debate não acaba e nem a posição “minoritária” é suprimida. É preciso considerar também o fato de que, mais que um debate da nossa organização, a discussão sobre tática eleitoral pertence ao movimento em que os ativistas e militantes estão, e é no conjunto do movimento que o debate está se realizando, e não apenas internamente à organização.

Nesse jornal, estamos apresentando ao conjunto dos militantes e organizações do movimento social o debate que

realizamos, com a publicação de um texto refletindo a posição “minoritária”, contribuindo com as reflexões que, em tempos de crise da esquerda, todos estão fazendo.

Não apresentamos nada de inovador. A história dos marxistas do fim do século XIX e início do século XX é a nossa fonte. Lênin nos ajuda: “... É rigorosamente certo que não existe entre os marxistas completa unanimidade. Esta falta de unanimidade não revela a debilidade, e sim a força dos socialdemocratas russos (...) As divergências de opinião no interior dos partidos políticos ou entre eles – escreve Lênin em julho de 1905 – se solucionam em geral, não somente com as polêmicas, mas também com o desenvolvimento da própria vida política. Em particular, as divergências a propósito da tática de um partido, podem liquidar-se de fato pela adesão dos defensores de teses errôneas à linha correta, já que o próprio curso dos acontecimentos retira às ditas teses sua base”

As posições em um debate político são parte do resultado que ele produz, refletindo a vivacidade e a participação do conjunto da organização nesses debates. A ausência ou a supressão de posições diferentes podem refletir a falta de democracia ou mesmo seguidismo, características estranhas a uma organização marxista revolucionária.

Os debates sempre colocam, ainda que de forma oculta, uma luta para provar a “sua verdade”; e a história, dos debates na esquerda, em especial, está cheia de “verdades”. Qualquer debate que se realiza com o pressuposto da verdade torna-se falso; mais ainda: torna-se anti-marxista, principalmente porque nega a dialética. A questão central é como fazer com que o real ou a realidade possa interferir nas discussões, retirando de cena os dogmas (o que é a “verdade” senão dogmas?).

Partindo desse método, o objetivo dos debates que realizamos – internamente e externamente – desloca-se do “apresentar a verdade” para o diálogo com a realidade concreta porque “...o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações e, por isso, é a unidade do diverso. Aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, e não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida, e, portanto, também, o ponto de partida

da intuição e da representação...”².

Mais uma vez, afirmamos que não se trata de “invenção” da nossa organização, mas de aplicar as categorias do marxismo à nossa prática militante, de forma que as discussões sempre tenham como objetivo encontrar a síntese. Eis a lição de Engels: “Negar, em dialética, não consiste pura e simplesmente em dizer não, em declarar que uma coisa não existe, ou em destruí-la por capricho (...) Além disso, em dialética, o caráter da negação obedece, em primeiro lugar, à natureza geral do processo, e, em segundo lugar, à sua natureza específica. Não se trata apenas de negar, mas de anular novamente a negação. Assim, a primeira negação será de tal natureza que torne possível ou permita que seja novamente possível a segunda negação. De que modo? Isso dependerá do caráter especial do caso concreto”³.

O CENTRALISMO DEMOCRÁTICO

O “guia” da esquerda sobre concepção de partido é o livro “Que fazer?” de Lênin, apresentado como o conceito de partido leninista. Se é certo que apresenta uma série de conceitos fundamentais para o marxismo (como propaganda, agitação, importância do partido e várias de suas características estruturais), também é verdade que apresenta essas categorias adaptadas às condições do “terreno concreto da situação da Rússia de hoje..” (Que Fazer?, p. 105). Assim, a organização profissional de conspiradores, de militantes clandestinos, com limitações na democracia interna, na forma concreta apresentada naquela obra, não tinha como objetivo assentar um padrão, um modelo de partido, mas preservar a vida dos militantes e construir um partido eficaz em sua intervenção na realidade Russa de então Seu centralismo aparentemente excessivo, se tomado como modelo, era uma forma concreta de responder à realidade russa, em que o trabalho artesanal colocava em risco a luta revolucionária.

Lênin, citado por Pierre Broué, reforça a idéia que “Que fazer?” visava responder à realidade russa: “O erro fundamental dos que hoje

polemizam contra *Que Fazer?*, reside na absoluta dissociação que estabelecem entre este trabalho e o contexto determinado dentro do qual atuava nosso partido, um contexto superado faz tempo. *Que Fazer?* não é senão um resumo da tática e da política de organização do grupo Iskra entre 1901 e 1902. Nada mais que um resumo.”⁴. O próprio Lênin, no último relatório ao IV Congresso da Internacional Comunista, alertou os restantes partidos para não adotarem acriticamente as fórmulas bolcheviques: “Em 1921, no III Congresso, votamos uma resolução sobre a estrutura orgânica dos partidos comunistas, assim como os métodos e o conteúdo do seu trabalho. O texto é excelente, mas (...) está impregnado do espírito russo. (...) Esta resolução é russa em demasia; traduz a experiência da Rússia”.

É evidente que não questionamos a importância dessa monumental obra, apenas questionamos o dogmatismo com que se faz a leitura dela. Em um regime totalitário ela retoma toda a sua atualidade.

Um das “marcas” do chamado centralismo democrático é a proibição da minoria continuar a defender suas posições, seja por se manterem organizados internamente enquanto tal, ou publicarem suas posições na imprensa da organização. Uma proibição que encontra respaldo só na “stalinização” dos partidos comunistas.

Trotsky nos socorre: “O Comintern proibiu as frações, alegando que esta proibição policial coincide com a tradição bolchevique. É difícil imaginar pior calúnia à história bolchevique. É certo que o Décimo Congresso do Partido, em março de 1921, proibiu as frações por resolução



especial. O fato mesmo de que fosse necessário aprovar semelhante resolução demonstra que em todo o período anterior – vale dizer, os dezessete anos em que o bolchevismo surgiu, cresceu, se fortaleceu e conquistou o poder – as frações formavam parte legítima da vida partidária, o que se refletia na prática”⁵ Mais adiante vincula o fim do direito das frações ao desenvolvimento do burocratismo: “...Mas os acontecimentos posteriores deixam absolutamente claro que a proibição das frações significou o fim do período heróico da história bolchevique e abriu o caminho para sua degeneração burocrática”.

Tomando o cuidado de não fazer citações fora do contexto que o autor escreve, nos parece que um texto de Trotsky para os trotskistas americanos a respeito da proposta de editar uma revista aberta, também reflete essa tradição de debates públicos impulsionados pelo partido: “Não fecharemos nossos olhos frente às dificuldades. Nossa época nos coloca problemas colossais em todos os terrenos da criatividade humana. Não existem soluções pré-fabricadas. O marxismo é a análise do processo histórico vivo. A análise livre supõe, a priori, que existam divergências em relação às próprias bases fundamentais do marxismo. Nossa revista

repudiará o espírito fatal do dogmatismo. Em suas páginas se enfrentarão os diversos matizes do pensamento revolucionário. O fórum do debate público ocupará um lugar destacado nela. O Conselho editorial se esforçará para fazer o balanço oportuno de cada polémica.”⁶

A luta política interna no bolchevismo é uma constante. O próprio Lênin, em minoria no partido bolchevique, desprende uma luta feroz para ganhar a base do partido: “... É o que, por exemplo, havia ocorrido alguns meses antes na continuação da revolução de fevereiro, após a cegada de Lênin, quando este polemiza aberta e publicamente contra a posição da maioria da direção bolchevique, de apoio crítico ao governo provisório burguês (artigos, discursos públicos e as teses prévias à Conferência de Abril de 1917)...”⁷

A publicização das posições internas não é uma questão de ocasião, mas parte de um conjunto de reflexões que temos feito sobre concepção de organização. Essa questão já estava explícita no nosso perfil: “Nos propomos a construir uma organização em que seja perfeitamente possível e louvável conviver com as diferenças dentro de um campo revolucionário comum. Pensamos que uma organização política deve ter plena liberdade de discussão sobre todo e qualquer tema, com debates

públicos e liberdade para qualquer setor, tendência ou agrupamento publicar suas divergências no jornal da organização ou mesmo em seus próprios órgãos de imprensa (salvo em situações que esse debate literalmente impeça a aplicação da política discutida, como o debate público anterior a uma ocupação de fábrica ou a uma insurreição, que abriria para a burguesia e o Estado as intenções da organização)”⁸

Aproveitamos e fazemos um convite a toda esquerda revolucionária para aprofundarmos esse debate e resgatarmos a tradição e o método dos revolucionários, que tantas falsificações sofreram pelos inimigos do proletariado mundial.

1 Citado por Pierri Broue. *Rússia 1917. El partido bolchevique*, in www.elmundoalreves.org

2 MARX Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*.

3 ENGELS Frederich. *Anti-Durbing*

4 idem

5 TROTSKY Leon. *Las fracciones y la Cuarta Internacional*, in CEIP (www.ceip.org.ar)

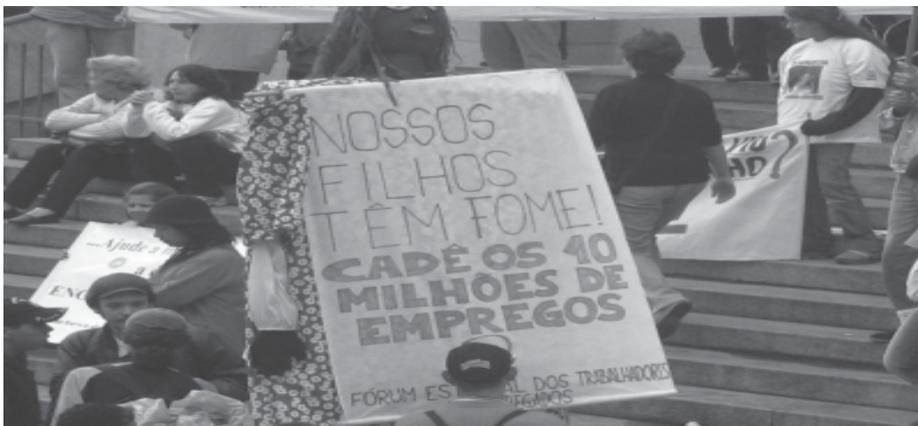
6 TROTSKY Leon. *Necessita uma revista marxista combativa, revolucionária e crítica*. O artigo, segundo nota do CEIP foi dirigido à direção trotskista nos EUA.

7 VENTURINI, Juan Carlos. *O mito do centralismo democrático*. Cadernos de Debates Espaço Socialista.

8 Perfil programático do Espaço Socialista

Lutar é preciso, votar não é preciso

Os militantes do Espaço Socialista se estruturaram como organização política devido ao entendimento comum de que é necessário colocar em prática um programa socialista para a classe trabalhadora. Nos marcos históricos determinados pelo estágio de crise estrutural do capital não há mais possibilidade de alcançar melhorias na condição de vida dos trabalhadores por meio de reformas parciais do capitalismo. A tendência do sistema aponta, ao contrário, para o aprofundamento da barbárie, com o ataque aos direitos, o desmonte dos serviços sociais, a violação da soberania dos povos, a pilhagem das riquezas naturais,



Democracia (ditadura) burguesa e ditadura (democracia) do proletariado

A farsa do Estado democrático de direito no capitalismo

**Por que a esquerda não se
une ao menos nas lutas e
nas eleições?**

- Reestatização de todas as empresas privatizadas, sob gestão dos trabalhadores;
- Controle dos trabalhadores sobre o lucro das estatais e decisão sobre sua aplicação;
- Por um governo dos trabalhadores subordinado aos seus organismos de base;
- Transformação dos meios de produção da riqueza social em propriedade coletiva e sob o controle e a gestão dos trabalhadores;
- Por uma sociedade socialista.



www.espacosocialista.kit.net
email: espacosocialista@hotmail.com
espocialista@yahoo.com.br

Av. Faria Lima, 2381 - Terraço - Centro -
S.B.C - Próximo ao terminal Ferrazópolis